

A FENOMENOLOGIA DA RESILIÊNCIA DE DUAS MULHERES QUE VIVENCIARAM UMA ENCHENTE

Rayane Tomazini Bressanelli
rayane-tomazini@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5856594925061216>

Vitor Gomes
vitor.gomes@ufes.br

<http://lattes.cnpq.br/0704616564315802>

RESUMO

Trata-se de artigo derivado de dissertação de mestrado cujo intuito é a apresentação e reflexão acerca da resiliência de duas mulheres que vivenciaram uma enchente provocada pelo transbordamento de águas do rio Benevente em Alfredo Chaves- Espírito Santo no ano de 2020. Utiliza como metodologia a fenomenologia e como instrumentos metodológicos entrevista e a versão de sentido. Por fim, em seus resultados apresenta que as participantes expressam processos de adaptação como respostas ao enfrentamento das adversidades com mecanismos internos e externos que permitiram a manutenção de sua integridade psicológica diante a experiência traumática vivenciada. Ambas, sem se refugiar no passado ou se angustiar pelo presente adverso, transcenderam a tal vivência trágica em prol da autopreservação pessoal

Palavras-chave: Resiliência; Fenomenologia; Enchente.

INTRODUÇÃO

A cidade de Alfredo Chaves/ES está situada às margens do rio Benevente, a 81 Km de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Apresenta aproximadamente 14.670 mil habitantes. Possui cachoeiras e outros pontos turísticos que atraem inúmeros visitantes.

Em 2020, sofreu uma tragédia derivada da ação humana. Depois de um volume excessivo de precipitação das chuvas, as águas do rio transbordaram a ponto de inundar grande parte da cidade. Moradias, comércios, escolas, igrejas e centenas de pessoas foram diretamente atingidas. Podemos afirmar, como uma das vítimas das cheias do rio

Benevente, que as perdas foram, além de danos materiais, também psicológico-emocionais.

Como vítima e testemunha dessa tragédia, durante a enchente, em meio aos sofrimentos individuais, presenciamos atos de solidariedade de indivíduos que tiveram forças para ajudar o próximo; doando o pouco que ainda lhes restavam. Eram alimentos, bens materiais, mão de obra e palavras de conforto. Enfim, em meio ao “caos”, haviam centelhas de esperança, suporte mútuo e enfrentamento diante daquela “caixa de pandora” aberta a todos nós.

Nesse evento, fui expectadora de atos de solidariedade diante ao sofrimento do próximo — do outro materializado na existência e que necessitava de auxílio. Permito-me a inferência que naquele espaço-tempo o sentimento de empatia rivalizava com a dor sentida e o testemunho de atos de enfrentamento e resiliência.

Segundo Grotberg (2003, p. 20), a resiliência pode ser definida como a “[...] capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidades”, sendo reconhecida como um subsídio para a promoção da saúde mental e emocional, contribuindo para a constituição da qualidade de vida. O termo “resiliência” foi cunhado por Thomas Young no início do século XIX.

Seu conceito é advindo da Física e da Engenharia sendo definido como capacidade de alguns corpos e/ ou objetos de retornarem à sua forma original após sofrerem uma forte pressão ou impacto. No que diz respeito às Ciências Humanas, o termo foi transposto pelo psiquiatra Frederich Flach (1991) como sinônimo de capacidade biológica, individual ou coletiva para o enfrentamento e fortalecimento diante as adversidades ou situações de estresse.

Este artigo, dentro de viés fenomenológico existencial, apresentará essa capacidade/flexibilidade/empoderamento de duas mulheres que vivenciaram esta tragédia. Neste sentido, a pergunta que alimentou tal estudo foi: como duas mulheres que

vivenciaram os impactos causados pela enchente do rio Benevente de Alfredo Chaves/ES apresentaram modos e/ou possibilidades de ser resiliente a partir de suas experiências?

METODOLOGIA

A pesquisa que originou este artigo trata-se de um estudo fenomenológico existencial. Ao imergirmos nas questões etimológicas em busca da origem da palavra “fenomenologia”, observamos sua derivação como produto da fusão dos vocábulos gregos *phainomenon* (fenômeno), originado de *phaino*, daquilo que se apresenta como visível (CAMPOS, 2007) e *logos* (estudo/ ideia).

Assim, em termos de definição, a fenomenologia é estudo sobre os fenômenos que se apresentam diante de nossos sentidos perceptivos imediatos (GOMES, 2004). Conhecida como ciência das essências, a fenomenologia enseja estabelecer um discurso esclarecedor diante aquilo que se apresenta.

Como metodologia de pesquisa, os estudos fenomenológicos registram fenômenos em busca de suas essências em suas existências, ou seja, a partir do que é visível/observável pela percepção (MERLEAU-PONTY, 2011). É nessa dimensão de ser-no-mundo (HEIDEGGER, 1995) que se dá a imersão para busca compreensiva da essência do fenômeno.

Abordando os aspectos instrumentais desta pesquisa em questão, o universo delimitado de estudo é composto por duas mulheres domiciliadas na cidade de Alfredo Chaves-ES, vítimas da enchente do rio Benevente ocorrida no início do ano de 2020.

O critério de escolha e/ou inserção das participantes ocorreu a partir de suas atitudes de resiliência e empoderamento diante as vivências adversas após o evento citado. Assim, há um espaço-tempo *ex pos facto*, isto é, após o acontecimento de um evento, sobre o qual, realizamos a compreensão acerca de seu efeito (a partir do aspecto da resiliência).

Como instrumento para coleta de dados fizemos uso de entrevistas – realizadas individualmente (e gravadas), nas quais, a partir de postura não diretiva, ensejamos capturar o que se disse, entretanto sem induzir e/ou sugerir respostas específicas.

A entrevista fenomenológica permite ir ao cerne das experiências vividas de pessoas, permitindo a narração das mesmas de forma trazer à tona a consciência interiorizada, o que permite o desnude do “cogito” de cada indivíduo (JOAQUIM *et al.*, 2020, p. 8).

A metodologia para análise de dados ocorreu a partir dos instrumentos citados. Para isso, efetuamos as transcrições das entrevistas com as participantes colocando o fenômeno em destaque (resiliência de duas mulheres). Depois das descrições, realizamos a extração de unidades de significado, a partir das quais, realizamos entrelaçamentos com a literatura científica sobre a área (FORGHIERI, 1993).

Indicamos que neste artigo as participantes serão identificadas como: PARTICIPANTE 1 e PARTICIPANTE 2 como garantia de preservação de suas identidades.

RESULTADOS

Uma fenomenologia da resiliência é formada pelo conjunto de características que compõem uma pessoa resiliente, expressas em comportamentos e/ou formas de enfrentamento das adversidades sem ser consumidas por estas (GOMES, 2015, 2020). Com base no conceito em questão, apresentaremos a seguir compreensões das falas das participantes associando-as com a literatura acerca do tema (FORGHIERI, 1993).

Contudo, antes de tudo, partimos da premissa de que não há resiliência sem adversidades. Neste sentido, ser resiliente é derivado de uma causa. Ou seja: os reveses possuem papel fundamental no processo de construção da resiliência.

As participantes possuem imbricamentos comuns: ambas são professoras e filhas de outras professoras e que mantiveram uma relação de compromisso com a igreja (desde jovens). Além disso, residem em bairros periféricos, nos quais o acúmulo de água é

constante e as galerias pluviais não conseguem absorver toda enxurrada, que invade residências, comércios, comprometendo o trânsito e a locomoção de todos. Dizem as participantes: “Aqui é comum as pessoas se preocuparem toda vez que as nuvens escurecem e a chuva ameaça a cair com maior intensidade(PARTICIPANTE 2)”. E ainda: “Aqui é várzea, a água que tinha aqui virou a vala, a água vem e volta por ali pela vala(PARTICIPANTE 1)”.

Sendo assim, existe uma relação de naturalização/expectativa diante de uma possível enchente, derivada da falta de infraestrutura e saneamento básico de suas localidades, tornando enchentes e seus estragos frequentes. Há também uma relação de afeto com o rio Benevente e as localidades em que habitam.

São vinculações afetivas nas quais rio e bairros são concomitantemente fomentadores de amor e temor. Uma das participantes revela essa afetividade pelo rio e pelo local: “[...] paro e penso que antes eu queria um rio perto de minha casa e ficava feliz com isso. Hoje, esse mesmo rio traz algumas preocupações, mas sei que a culpa não é dele [...] eu me apego muito as coisas, ao lugar, as pessoas”.

As participantes enfrentaram situações adversas em suas trajetórias de vida, tal como a vivida durante a enchente do rio Benevente, mas não estavam sozinhas. Havia mecanismos protetivos de amparo, o que não significa que foram indiferentes às dores físicas/psíquicas/espirituais derivadas do ocorrido. Sendo assim, tais mecanismos/suportes internos e externos foram primordiais no processo de enfrentamento das adversidades.

Assim, dentro de uma dança alegórica com a adversidade há os suportes psicológicos/fatores de proteção (CALIMAN, 2000; GOMES, 2004), que se tratam dos elementos positivos e às condições favoráveis que estimulam e contribuem para que os indivíduos possam enfrentar os obstáculos e/ou as adversidades encontradas em seu caminho (RUTTER, 1987, ASSIS,1999).

As pesquisas sobre o tema indicam que alguns elementos são comumente apontados como contribuidores e/ou estimuladores para a resiliência, dentre os quais: o controle interno, o suporte social, a autoestima positiva, a inteligência, os altos afetos positivos, as habilidades de autorregulação, as práticas e as crenças religiosas, o sentido na vida, as relações de apego, fé e esperança (BONNANNO, 2004; CORTEZ, 2014; GOMES, 2004; MASTEN, 2007; MASTEN; NARAYAN, 2012; SOUTHWICK *et al*, 2014).

No caso de uma das participantes, suas características pessoais, que funcionaram como fatores protetivos, foram a fé/religiosidade e o anseio de cuidado. Em suas palavras:

O que ajudou a superar e a ter forças para seguir em frente foi acreditar em Deus, que existe um ser superior que está ajudando a gente, que está ao nosso lado dando apoio e força. Em segundo lugar foi a minha mãe, pois eu e minha família precisávamos estar bem por ela, para dar a ela o conforto que ela precisava aqui na casa dela (PARTICIPANTE 1).

É preciso também adicionar sua autoestima positiva: “Eu gosto em mim o que eu sou, sou muitas coisas. Observo que hoje o ter é muito importante para muitas pessoas e eu gosto muito de ser” (PARTICIPANTE 1).

A professora desvela uma autoestima positiva, com a função de *locus* de controle interno que atua positivamente em seus processos de autorregulação psicológica. Expressando sobre a importância da autoestima positiva, Moysés (2002), influenciada pelo pensamento vigotskiano, indica os influxos da socialização na formação desse conceito, bem como, seu papel na produção da auto e hetero afetividade positiva.

Como um fator protetivo externo, destacamos seu senso de comunidade e de pertencimento. A participante relata que permanece até os dias atuais nesse mesmo local onde vivenciou várias adversidades, inclusive a enchente, pois tem dificuldade de se desapegar das pessoas que lá residem. Trata-se do local escolhido para morar e constituir sua família, que carrega muitas memórias é que por isso a mantém ali. Trata-se de sua casa, sua comunidade.

O mesmo mecanismo protetivo externo é também compartilhado pela segunda participante. “Eu me apego muito às coisas, ao lugar, às pessoas. Aqui é comum as pessoas se preocuparem toda vez que as nuvens escurecem e a chuva ameaça a cair com maior intensidade (PARTICIPANTE 2)”. Assim, observa-se o desejo e a vinculação que a levam a permanecer nesse lugar em que constituiu sua família e permanece até os dias atuais. Destacamos que o apego (vinculação) também é uma das características citadas na literatura como fator protetivo.

As maneiras como cada pessoa enfrenta seus obstáculos é única. O que, para muitos, a perda da casa, da comida, da roupa, dos documentos, do ente querido podem significar o fim da razão de viver, para outros pode ser um abalo considerável, mas possível de recuperação emocional, aprendizagem e fortalecimento (GROTBERG, 2005).

Em conformidade com as palavras da autora:

Depois disso tudo, posso dizer que a enchente nos dá uma lição muito grande. Mesmo que você não queira levar em consideração, você é obrigado, porque você é muito pequeno perante a força da natureza. O que fica é um aprendizado, um sentimento que posso chamar de bom. Aprendi... (PARTICIPANTE 1).

Para Frankl, a dor pode ser enfrentada de forma positiva se for compreendida como provedora de algum sentido (FRANKL, 1991), sobretudo, se o olhar voltar-se ao futuro; para um desejo e/ou motivo para além dessa e/ou por meio de uma racionalização que lhe oferte sentido (a dor). Friedrich Nietzsche, em sua obra *Ecce Homo* (2003), também nos apresenta a experiência do sofrimento como potencializadora de novas maneiras de viver, pois entende a vida como experimentação.

A frase de Nietzsche citada por Viktor Emil Frankl no prefácio do livro: Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração, expressa a seguinte ideia: “Quem tem um ‘porque viver’ aguenta quase qualquer ‘como’” (FRANKL, 1991). Sendo assim, quando atribuímos um sentido à dor, bem como temos anseios para além dela, seja pela fé, seja pelas relações de cuidado ou outra(s) característica(s). Somos capazes de manter uma relação com a adversidade, na qual, a experiência negativa pode gerar um efeito

traumático parcial, mas não totalmente destrutivo, e mais, fomentar superação e fortalecimento diante a essa (NIETZSCHE, 2011).

Por fim, dentro da compreensão de uma fenomenologia da resiliência, compreendemos que o ser humano possui uma propensão natural de autopreservação que visa à saúde orgânica e mental (ROGERS; KINGET, 1979) que, a partir de imbricamentos sociais e fatores protetivos externos, favorecem a compreensão, o anseio e o entendimento da adversidade como algo a ser transplantada.

As participantes, evidenciam tal processo de adaptação que atuou como resposta positiva ao enfrentamento da enchente, fato que permitiu a manutenção de sua integridade psicológica diante a essa experiência traumática, na qual, ambas, sem se refugiar no passado ou se angustiar pelo presente adverso, “transcenderam” a tal vivência trágica em prol da autopreservação pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. Campinas: Alínea, 2010.

BONANNO, G. A. (2004). Loss, trauma, and human resilience: have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? **American Psychologist**, v. 59, n. 1, p. 20-28, 2004.

CALIMAN, Go. Promuovere “resilience” como risorsa educativa: dai fattori di rischio ai fattori protettivi. **Orientamenti pedagogici: rivista internazionale di scienze dell'educazione**, Roma, v. 47-1, n. 277, p. 19-44, 2000.

CAMPOS, P. Phenomenon e logos na apropriação de fenomenologia de Heidegger: uma leitura de § 7 de Ser e Tempo. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de fora, v. 10, n. 2, p. 1-11, dez. 2007. Disponível em: < http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/11/10_2_paula.pdf >. Acesso em 16 abr. 2020.

CORTEZ, C. P. Resiliencia psicológica: una aproximación hacia su conceptualización, enfoques teóricos y relación con el abuso sexual infantil. **Summa psicológica UST**, v. 11, n. 2, p. 19-33, 2014.

FLACH, F. **Resiliência: a arte de ser flexível**. São Paulo: Saraiva, 1991.

- FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1993.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Paulo: Vozes, 1991.
- GOMES, V. **A fenomenologia da resiliência**: teorias e histórias de vida. Curitiba: CRV, 2015.
- GOMES, V. Ensaio sobre uma fenomenologia da resiliência em Charlie Brown: contextos interrelacionais em Peanuts. **Revista Intersaberes**, São Paulo, v. 15, n. 36, p.764-784, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.22169/revint.v15i36.1953>>.
- GOMES, V. **Três formas de ser resiliente**: (des)velando a resiliência de adolescentes no espaço escolar. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.
- GROTBORG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, Élbio N. S. (Org). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: ARTMED, 2005.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- JOAQUIM, F. L. *et al.* Percebendo o outro: relato de experiência sobre uma entrevista fenomenológica. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 5, n. 5, e55953175, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3175>.
- MASTEN, A. S. Resilience in development systems: progress and promise as the fourth wave rises. **Development and Psychopathology**, v. 19, n. 3, p. 921-930, 2007.
- MASTEN, A. S.; NARAYAN, A. J. Child development in the context of disaster, war, and terrorism: pathways of risk and resilience. **Annual Review of Psychology**, v. 63, p. 227-257, 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MOYSÉS, L. **A autoestima se constrói passo a passo**. São Paulo: Papyrus, 2002.
- NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- ROGERS, C. R; KINGET, G. M. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- SOUTHWICK, S. M. *et al.* Resilience definitions, theory, and challenges: interdisciplinary perspectives. **European Journal of Psychotraumatology**, v. 5, n. 1, 25338, 2014.

SOBRE OS AUTORES :

Rayane Tomazini Bressanelli

Professora de português da rede municipal de Alfredo Chaves-ES. Mestre em educação pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo (PPGMPE/CE/UFES).

Vitor Gomes

Fenomenólogo. Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo (PPGMPE/CE/UFES). Coordenador do Grupo de pesquisa em fenomenologia da educação-GPEFE-UFES.